



BURN, Stephen J. *Um antídoto contra a solidão: conversas com David Foster Wallace*. Tradução de Sarah Grünhagen e Caetano W. Galindo. Belo Horizonte: Âyiné, 2021. 311p.

Diego Gomes do Valle

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, Paraná / Brasil

dgvalle@uepg.br

<https://orcid.org/0000-0003-1539-1852>

“[...] qualquer redenção humana possível requer que primeiro a gente encare o que é terrível, o que queremos negar”.

(WALLACE, 2021, p. 85)

Um antídoto contra a solidão, livro de entrevistas organizado por Stephen J. Burn – autor também de *Infinite Jest: A Reader's Guide* (2012) –, ajuda-nos não só a compreendermos mais e melhor a literatura produzida por David Foster Wallace, mas a pensarmos com este a respeito da cultura dos EUA, dos caminhos da literatura contemporânea e do sentido da vida. Tudo isso, em maior ou menor medida (a depender de quem o entrevista), com senso de humor ou grande desconforto.

O compêndio reúne entrevistas de 1987 até o fatídico ano de 2008, quando Wallace tira a própria vida. Há um comovente texto de David Lipsky a respeito dos últimos dias do autor de *Graça infinita*, publicado por Lipsky dois meses após o suicídio. O que se percebe, em linhas gerais, é o gradual desenvolvimento de certas premissas que, em forma de espiral, vão sendo aprimoradas e acopladas a sínteses maiores. Assim, a visão geral dessas conversações nos permite vislumbrar assuntos como: a importância da ficção na contemporaneidade, as limitações da metaficção e da arte irônica, o modo como *Graça infinita* parece reunir, tematizar e responder aos problemas levantados nas entrevistas e, por fim, o modo como a autoconsciência aguda de Wallace está relacionada ao desconforto nas entrevistas e na sua composição literária.

Uma das facetas de Wallace que mais o popularizou dentro e fora dos EUA é a de ensaísta. Ainda a serem traduzidos/publicados para além da coletânea já existente (cf. WALLACE, 2012), tais ensaios parecem,

na superfície, refletir uma incapacidade do autor para produzir um ensaio naquele conhecido molde adorniano, no qual o corte transversal, o abandono do senhorio racional totalizante seria o único método possível diante da impossível palavra definitiva a respeito de algo, “ao acentuar, em seu caráter fragmentário, o *parcial* diante do *total*” (ADORNO, 2003, p. 25). Em verdade, Wallace é, sim, ensaísta no sentido de Adorno, pois, embora decididamente interessado em oferecer muitas informações acerca do objeto analisado, nunca dá a palavra final a respeito do que vê: “O ensaio, porém, não quer procurar o eterno no transitório, nem destilá-lo a partir deste, mas sim eternizar o transitório” (ADORNO, 2003, p. 27). A *transitoriedade* infinitesimal é dissecada por Wallace, mas sem a presunção de certeza indubitável. Trata-se, nas palavras de Wallace, de um “sujeito um tanto neurótico e hiperconsciente te mostrando como é esquisito esse negócio que nem todo mundo acha que é esquisito” (BURN, 2021, p. 169).

Foster Wallace não esconde, em mais de uma entrevista, a vantagem financeira e a alta demanda de trabalho geradas pela produção de ensaios. Chama atenção o modo como alguns temas abordados nas entrevistas foram intensamente analisados em alguns ensaios, como, por exemplo, a questão da ironia cínica e do niilismo dela derivado: “A ironia é útil para destruir ilusões, mas em geral a destruição de ilusões nos Estados Unidos já foi realizada e repetida [...] A ironia passou de libertadora a escravizadora” (BURN, 2021, p. 111). Já no ensaio “E Unibus Pluram: Television and U.S. Fiction”¹ encontramos a mais profunda contribuição de Wallace aos desdobramentos da influência da televisão na cultura dos EUA, a sistematização disso que é comentado com Larry McCaffery em 1993 (seguramente a mais prolífica e citada entrevista concedida por David Foster Wallace).

Cumprir dizer: Wallace não oferece somente opiniões acerca de assuntos muito relevantes, mas, tendo em vista o caráter abrupto e quase de improviso do formato de uma entrevista, revela profunda reflexão prévia, que possibilita pareceres muito sérios e provocativos. Associada à questão da ironia, por exemplo, temos a da metaficção produzida pela geração anterior à dele. Wallace percebe, critica e enfrenta o aspecto autoanulante da metaficção: “O fim real da metaficção sempre foi o Armagedon. A reflexão da arte a respeito de si própria é terminal” (BURN, 2021, p. 81). Assim,

¹ Cf. a tradução inédita do ensaio em Nogueira (2020).

percebe-se, em mais de uma entrevista, que o incomoda seriamente o fato de a literatura se afastar de sua primordial (para ele) função, que é a de se relacionar diretamente com experiências humanas, ao concentrar o seu efeito na pirotecnia formal: “A metaficção recursiva idolatra a consciência narrativa, faz com que *ela* seja o tema do texto” (BURN, 2021, p.106). Nesse ponto percebemos um incômodo da parte de Wallace, pois há o risco de ser julgado como retrógrado, ingênuo ou mesmo conservador² – pechas que são afastadas na medida em que conhecemos a sua proposta diante do estado de coisas em que se encontrava *Graça infinita*, obra evidentemente nada previsível.

Logo no ano de publicação de seu maior romance, 1996, Wallace diz que: “[...] queria fazer um livro que fosse triste” (BURN, 2021, p. 122), “[...] queria fazer alguma coisa que fosse difícil de verdade, mas sem deixar de ser divertido de verdade, e que fizesse valer o esforço e a atenção de se ler aquilo tudo” (BURN, 2021, p. 124). Wallace especifica sua anatomia da tristeza (própria e da cultura dos EUA) dizendo que “[a] tristeza de que o livro trata, e que eu estava vivendo, era um tipo americano de tristeza” (BURN, 2021, p. 128). O que se percebe, lendo as entrevistas e cotejando as obras ficcionais de Wallace, é que da (e, no atual momento, somente da) atmosfera trágica, depressiva e emocionalmente comprometida que podem sair as palavras mais legitimamente sinceras (sem aspas). Não haveria nada de novo sob o sol se fosse só isso, mas Wallace o faz consciente – e não sem incômodo – da mirada irônica e causticante: “quanto mais eu envelheço mais penso que o que há de mágico na arte pra mim é a ideia de coisas comoventes” (BURN, 2021, p. 264).

Em muitos momentos das entrevistas, Wallace detalha o modo como se relacionava com a literatura ao lê-la e produzi-la. Nesses momentos, o que se percebe é uma postura muito assertiva quanto à função da literatura no sentido mais humanista e, em grande medida, tradicional. Algo que, depois do advento do pós-modernismo, parece ser um passo atrás: “Ficção ou move

² O professor e tradutor Caetano W. Galindo, no ensaio “Um tipo americano de tristeza: o próximo romance de David Foster Wallace e os próximos romances americanos” (2008), diz: “Em um mundo em que qualquer ensaísta que se preze trata de escrever entre aspas uma palavra como ‘sinceridade’, ou um conteúdo ‘emocional’, dado o cinismo elegantemente dominante, não é apenas um investimento pessoal por parte do autor (outra noção ‘datada’) que corre o risco de ir por água abaixo” (GALINDO, 2008, p. 129).

montanhas ou é uma coisa chata; ou ela move montanhas ou não faz nada” (BURN, 2021, p. 43). Para a já citada entrevista a Larry McCaffery, em 1993, diz que a boa ficção (acompanhando um antigo professor) seria aquela que pode “confortar os perturbados e perturbar os confortáveis” (BURN, 2021, p. 68). Lembrando discursos célebres como os de Todorov, Jouve, Kundera, Cândido e Llosa, Wallace busca associar esse poder humanizante da literatura aos aspectos mais problemáticos da condição humana, e que, por acaso, eram aqueles que mais o perturbaram desde a mais tenra idade:³ “Mas existem alguns poucos livros que eu li e que me transformaram em outra pessoa, e acho que toda boa literatura de alguma maneira aborda o problema da, e age como um antídoto contra a solidão” (BURN, 2021, p. 59). Contudo, a análise da cultura dos EUA feita por Wallace propõe como diagnóstico um “desapreço pela frustração e pelo sofrimento” (BURN, 2021, p. 70), em favor da anestesia televisiva, motivo pelo qual o romance *Graça infinita* parece oferecer crítica e desdobramentos de tal mentalidade, compondo uma espécie de estudo: “A parte interessante é entender por que estamos tão desesperados por esse anestésico contra a solidão” (BURN, 2021, p. 84).

Nesse sentido, Wallace revela um profundo ímpeto em responder com sua obra ficcional tal demanda obliterada deliberadamente dos interesses estado-unidenses: “Pra mim, a arte que é viva e urgente é a arte que se preocupa com o que significa ser um ser humano” (BURN, 2021, p. 236). Assim, há um forte interesse em se registrar, em tais entrevistas, o comprometimento ético necessário à casta de escritores da qual faz parte, inclusive fazendo um *mea culpa*: “[...] é tarefa nossa constituir esses valores [morais], e nós não estamos fazendo isso” (BURN, 2021, p. 61). Engana-se quem o julgar moralista no sentido estrito, mas acerta quem o julga como alguém que tematiza, de modo absurdamente autoconsciente, os dramas morais mais desafiadores de nosso tempo.

Esse elemento da autoconsciência está relacionado ao desconforto nas entrevistas concedidas, pois acompanhamos complexas idas e vindas

³ D.T. Max, na biografia *Every Love Story is a Ghost Story: A Life of David Foster Wallace* (2013), registra: “‘Summer, 71 or 72’ – Wallace was nine or ten – ‘First occasion of ‘Depressive, clinically anxious feelings,’ He wrote in a medical history summary toward the end of his life” [Verão de 71 ou 72 – Wallace tinha nove ou dez anos – ‘Primeiro episódio de ‘Depressão, sentimentos clinicamente associados à ansiedade,’ Ele escreveu em um formulário médico no final de sua vida] (MAX, 2013, p. 8, tradução nossa).

antecipadas, que revelam uma profusão de ideias tensionalmente expostas: “Eu tendo a só conseguir fazer as pessoas dizerem coisas que acho que são sérias se eu estiver ao mesmo tempo tirando sarro da personagem. Acho que é uma fraqueza. Vem do fato de eu ser tão autoconsciente” (BURN, 2021, p. 47).

Como fica muito claro, especialmente nos anos finais, essa autoconsciência não o favorecia nas entrevistas. Por outro lado, cada entrevista parece revelar uma certa relação cênica com o entrevistador, que é passível de interpretação, de exegese dramática. Por exemplo, diante de McCaffery, vemos Wallace à vontade e aberto à concessão, à troca amistosa e produtiva; em suma: uma disposição a pensar *com* o jornalista. Já com o francês Didier Jacob, vemos uma figura arredia, que não se preocupa por ser antipática com as, registre-se, perguntas mal feitas. Encontramos respostas como: “Se estou certo, então a sua verdadeira pergunta é...” (BURN, 2021, p. 267); “Entendida literalmente, essa pergunta é impossível de responder” (BURN, 2021, p. 269); “Receio que esta seja outra pergunta que não entendo totalmente” (BURN, 2021, p. 272). Desse modo, a disposição cronológica das entrevistas oferece uma certa leitura narrativa do livro de Burn, em que vislumbramos um personagem fragmentado⁴ se debatendo entre dizer algo que será interpretado de modo equívoco e já antecipando as possíveis réplicas que ele vai progressivamente amadurecendo. O capítulo inicial de *Graça infinita*, em que Hal se vê precisamente nessa situação, é muito elucidativo disso: “Eu não sou o que vocês veem e ouvem” (WALLACE, 2014, p. 17), diz Hal. O Wallace que não sabemos quem foi está ali, sobretudo naquilo em que silenciosamente o encontramos (confortáveis ou perturbados) em nossa leitura.

Referências

ADORNO, Theodor. *Notas de literatura I*. Tradução de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Ed. 34, 2003.

BURN, Stephen J. (org.). *Um antídoto contra a solidão: conversas com David Foster Wallace*. Tradução de Sara Grünhagen e Caetano Galindo. Belo Horizonte: Âyiné, 2021.

⁴ “[...] geralmente me sinto bastante fragmentado, como se eu tivesse uma sinfonia de vozes diferentes, e vozes em off e informações, todas falando ao mesmo tempo” (BURN, 2021, p. 239).

GALINDO, Caetano Waldrigues. Um tipo americano de tristeza: o próximo romance de David Foster Wallace e os próximos romances americanos. *Outravezessia*, Florianópolis, v. 1, n. 7, p. 125-138, 1 jan. 2008. Bimestral. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/11984/11254>. Acesso em: 24 jul. 2022.

MAX, D.T. *Every Love Story is a Ghost Story: A Life of David Foster Wallace*. New York: Penguin Books, 2013.

NOGUEIRA, Bruno Silva. *Ficções culpadas: uma discussão de temas do romance Graça infinita à luz do ensaio “E Unibus Pluram: a televisão e a ficção nos EUA”*, ambos de David Foster Wallace. 2020. 186 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/69700>. Acesso em: 20 jul. 2022.

WALLACE, David Foster. *Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo*. Tradução de Daniel Galera e Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

WALLACE, David Foster. *Graça infinita*. Tradução de Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.